

A FUNÇÃO DO CRONOTOPO E DOS OUTROS ELEMENTOS DA NARRATIVA NO CONTO *O MUJIQUE MAREI*, DE FIODOR M. DOSTOIÉVSKI¹

THE FUNCTION OF THE CHRONOTOPE AND OTHER NARRATIVE ELEMENTS IN THE STORY *THE PEASANT MAREI*, BY FYODOR M. DOSTOEVSKY

Sérgio Luís Borges²

RESUMO: Considerando a importância que o cronotopo apresenta, observaremos neste trabalho a função que o mesmo exerce no conto *O mujique Marei*, de Fiodor M. Dostoiévski. A análise realizada tem como embasamento teórico os conceitos dos elementos da narrativa da obra *Como analisar narrativas*, de Cândida Vilares Gancho, e de cronotopo nas obras *Questões de literatura e estética* e *Problemas da poética de Dostoiévski*, de Mikhail Bakhtin. Também verificaremos a postura e o comportamento do narrador-protagonista do conto, no decorrer da narrativa. Ressaltamos que esta é uma das possibilidades dentre outras de analisar a função do cronotopo e os elementos da narrativa.

Palavras-chave: Cronotopo. Elementos da narrativa. *O mujique Marei*.

ABSTRACT: Considering the importance that the chronotope means, we understand in this study the function which it executes in the tale *The peasant Marey*, by Fyodor M. Dostoevsky. The analysis carried out has as its theoretical basis on the concepts of the book *Como analisar narrativas*, written by Candida Vilares Gancho, and chronotope in the works *The Dialogic Imagination* and *Problems of Dostoevsky's Poetics*, written by Mikhail Bakhtin. We can also realize the attitude and behavior of the narrator-protagonist of the story, in the course of the narrative. We emphasize that it is one possibility among others to analyze chronotope function and the narrative elements.

Keywords: Chronotope. The narrative elements. *The peasant Marey*.

¹ Artigo recebido em 25 de setembro de 2015 e aceito em 20 de novembro de 2015. Texto orientado pela Profa. Dra. Sigrid Renaux (UNIANDRADE).

² Mestrando do Curso de Teoria Literária da UNIANDRADE.
E-mail: sergioborges73@yahoo.com.br



INTRODUÇÃO

Fiodor Dostoiévski é considerado um dos maiores escritores da literatura russa e, principalmente, o que nos chama a atenção é que sua obra é inovadora, por isso tantos estudiosos se debruçaram sobre suas obras e as estudaram. Neste trabalho analisaremos um dos contos de Dostoiévski intitulado *O mujique Marei*. O objetivo será apresentar algumas possibilidades de reflexão em relação aos elementos da narrativa e do cronotopo.

O episódio do mujique Marei contado no conto ocorreu com Dostoiévski menino, em agosto de 1831, no domínio de Daravoié. A história foi escrita em 1876 e consta no *Diário de Um Escritor*. O autor relata em primeira pessoa um episódio acontecido com ele durante sua infância, quando tinha apenas nove anos de idade. Dostoiévski perdeu a mãe vítima de tuberculose, na adolescência. O pai era, além de médico, um senhor de terras e servos, de temperamento difícil. Não raro aplicava surras nos filhos. Acabou assassinado numa emboscada preparada pela vingança dos próprios servos. Consta que Dostoiévski, embora nem de longe tenha participado dessa emboscada, em seu íntimo, aprovou a morte do pai. Ele iria até o fim da vida, procurar de diversas formas descobrir quem assassinou o pai, fato que o atormentava dia e noite. Carente de afeto, na infância, em virtude da crescente enfermidade da mãe e da rudeza do pai, o episódio contado por Dostoiévski, no encontro com o mujique Marei, deixa transparecer a falta de carinho e atenção que teve durante a infância.

As obras narrativas são encontradas em vários lugares, vivemos às voltas com mitos, lendas, adivinhas, contos, crônicas, romances, histórias em quadrinhos, novelas e seriados de televisão, jogos eletrônicos, filmes de ação ao vivo e de animação, entre tantos tipos de obras narrativas.

Segundo Cândida Vilares Gancho:

Toda narrativa se estrutura sobre cinco elementos, sem os quais ela não existe. Sem os fatos não há histórias, e quem vive os fatos são as personagens, num determinado tempo e lugar. Mas para ser prosa de ficção, é necessária a presença do narrador, pois é ele fundamentalmente quem caracteriza a narrativa. Os fatos, as personagens, o tempo e o espaço existem, por exemplo, num texto teatral, para o qual não é essencial a presença do narrador. Já no conto, no romance, ou na novela, o narrador é o elemento organizador de todos os outros componentes, o intermediário entre aquilo que é narrado (a história) e o autor, entre o narrador e o leitor. (GANCHO, 2006, p. 11)



Mikhail Bakhtin conceitua de "cronotopo" (literalmente, "espaço-tempo") a ligação intrínseca das relações temporais e espaciais que são artisticamente expressas na literatura. Esse termo é empregado em matemática, e foi introduzido como parte da *Teoria da relatividade* de Einstein. O significado especial que ele tem na *Teoria da relatividade* não é importante para nossos propósitos, mas estamos tomando-o emprestado para a crítica literária quase como uma metáfora. O que conta para nós é o fato de que ele expressa a inseparabilidade do espaço e do tempo (tempo como a quarta dimensão do espaço). Entendemos o cronotopo como categoria formalmente constitutiva da literatura, por isso não será relacionada com outras áreas da cultura.

Bakhtin afirma que o cronotopo determina toda e qualquer unidade de uma obra, isto é, todas as definições espaço-temporais são inseparáveis em uma obra e são sempre constituídas pela matriz da unidade. Para o teórico:

A capacidade de ver o tempo, de ler o tempo no espaço e, simultaneamente, de perceber o preenchimento do espaço sob a forma de um todo em formação, de um acontecimento, e não sob a forma de uma tela de fundo imutável ou de um dado pronto. A capacidade de ler em todas as coisas - seja na natureza ou nos costumes do homem e até em suas ideias (em seus conceitos abstratos). (BAKHTIN, 2014, p. 112)

OS ELEMENTOS DA NARRATIVA NO CONTO *O MUJIQUE MAREI*

O conto *O mujique Marei*, publicado em 1876, na obra *Diário de um escritor*, é considerado autobiográfico, pois o herói-narrador relata fatos ocorridos na vida de Dostoiévski quando esteve preso na Sibéria, por motivos políticos. Para o escritor, nessa época, viajar para dentro de si lembrando alguns fatos do passado que aconteceram durante sua infância, era seu único consolo. Mujique era a denominação dada ao camponês russo, normalmente antes do país adotar o regime socialista (1917). Ele indica certo grau de pobreza, uma vez que a maioria dos mujiques eram servos (chamados de *almas*, na Rússia) antes das reformas agrícolas de 1861.

O enredo de *O mujique Marei* está dividido em três momentos: o primeiro diz respeito aos acontecimentos ocorridos no interior da prisão onde ocorrem as desordens por parte dos presos, o que nos faz observar um clima de festividade, com libertinagens e bebedeiras.



O segundo momento do enredo traz as recordações do narrador-protagonista, quando ele retorna ao passado remoto, pois ao lembrar sua infância, vieram à tona as brincadeiras daquela época quando tinha apenas nove anos, e se encontrou com o mujique Marei: "Voltei a encontrar-me em uma aldeia em que passei o mês de agosto" (DOSTOIÉVSKI, 1993, p. 81).

O enredo finaliza com o terceiro momento, em que o narrador-protagonista volta ao presente, tendo de encarar a dura realidade da prisão e suas angústias.

Os conflitos são evidenciados tanto no presente, quando o narrador-protagonista está detido numa prisão na gelada Sibéria, quanto no passado em sua infância, na fazenda de seus pais, quando percebe muito distintamente um apelo: "Ao lobo!" (DOSTOIÉVSKI, 1993, p. 82) e pede socorro ao mujique Marei, que estava trabalhando ali perto.

Vale lembrar que podemos encontrar nas narrativas diversos tipos de conflitos: morais, religiosos, econômicos, sociais e psicológicos. Para Gancho:

Conflito é qualquer componente da história (personagens, fatos, ambiente, ideias, emoções) que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor. Em geral, o conflito se define pela tensão criada entre o desejo da personagem principal (isto é, sua intenção no enredo) e alguma força opositora, que pode ser uma outra personagem, o ambiente, ou mesmo algo do universo psicológico. (GANCHO, 2006, p. 13)

Podemos classificar as personagens no conto *O mujique Marei* da seguinte forma: o narrador-protagonista é o herói, mas a personagem principal é o mujique Marei, pois, apesar de sua posição de inferioridade, como camponês, em relação ao menino Dostoiévski, ele é o herói do conto, ao salvar a vida do menino potencialmente de um lobo.

O conto em questão é narrado em primeira pessoa, e Dostoiévski aparece como narrador-protagonista, narrando um fato que aconteceu durante sua infância. No conto *O mujique Marei*, o narrador-protagonista sabe tudo sobre a história e está presente em todos os lugares.

Segundo Cândida Vilares Gancho:

Narrador-protagonista é o narrador que é também a personagem central. Podem-se citar inúmeros exemplos deste



tipo de narrador e apresentarmos alguns bastante célebres: Paulo Honório, narrador do romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos e Bentinho, de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Nos dois casos, temos um narrador que está distante dos fatos narrados e que, portanto, pode ser mais crítico de si mesmo. (GANCHO, 2006, p. 33)

Podemos entender que o narrador é o elemento interno da narrativa, apresentando e explicando os fatos que acontecem no tempo e espaço e introduzindo as personagens.

A FUNÇÃO DO CRONOTOPO NA CONSTRUÇÃO DO CONTO *O MUJIQUE MAREI*

A partir dos estudos sobre tempo e espaço apresentados no romance, Bakhtin formulou o conceito de cronotopo formado pelos radicais de origem grega, *cronos*, que significa "tempo", e *topos*, "espaço". Para o pensador russo, o cronotopo determina a imagem do homem na literatura.

Segundo Bakhtin, para compreendermos o sentido do romance é necessário recorrer aos cronotopos, que se cruzam e se confrontam, determinando a imagem do sujeito no mundo que ele representa no espaço e tempo no qual se encontra.

Para Bakhtin, "o cronotopo é uma categoria conteudístico-formal, que mostra a interligação fundamental das relações espaciais e temporais representadas nos textos, principalmente literários" (BAKHTIN, 2006, p. 13).

No desenvolvimento da enunciação, o tempo e o espaço desempenham funções edificantes na construção do enunciado e do enunciador. Sendo que o tempo é o elemento responsável pela ordem interna das ações, enquanto o espaço trabalha com o exterior, por onde a ação passa. Para Bakhtin:

Os vestígios autênticos, os indícios da história remetem sempre ao humano e à necessidade - é onde o espaço e o tempo estão unidos num vínculo indissolúvel. Na visão completa, totalizadora de Goethe, o espaço terrestre e a história humana são inseparáveis, e isso se transmite à obra, conferindo intensidade e materialidade ao tempo histórico,



humanidade impregnada de pensamento ao espaço.
(BAKHTIN, 2006, p. 259)

Por isso, o tempo possui um poder produtivo e criador, pois ele dá forma e sentido às coisas existentes. De acordo com Bakhtin: "(...) tudo que tem vida é marcado pela ação do tempo, por isso, os cenários - espaços no enunciado - participam da composição temporal, são elementos da ação e da evolução enunciativa" (BAKHTIN, 2006, p. 113).

Para Bakhtin, "o cronotopo é uma categoria inteiramente ligada ao conteúdo e forma do texto literário" (BAKHTIN, 1993, p. 211), determinada por sua temporalidade e espacialidade específicas. Assim, o cronotopo tem um papel essencial, mas específico, em quase todos os gêneros literários. Cada gênero é determinado justamente por um tipo de cronotopo, sendo este o princípio condutor da sua formação. Ainda, "o cronotopo determina de maneira significativa também a imagem do indivíduo na obra, sendo essa imagem sempre espaço-temporal" (BAKHTIN, 1993, p. 212).

De acordo com o Bakhtin, o motivo do encontro está intrinsecamente ligado ao que denomina "cronotopo da estrada", que são os vários tipos de encontros que acontecem pelo caminho quando as personagens se colocam em movimento. De fato, nos romances, os encontros ocorrem frequentemente em travessia, na estrada. Para Bakhtin, é enorme o significado desse cronotopo em literatura: "(...) rara é a obra que passa sem certas variantes do motivo da estrada, e muitas obras estão francamente construídas sobre o cronotopo da estrada, dos encontros e das aventuras que correm pelo caminho" (BAKHTIN, 1993, p. 223).

Com o narrador-protagonista, Dostoiévski, vai trazendo o passado para o presente, incitando a curiosidade e vontade do leitor para a leitura do conto *O mujique Marei*. A seguir apresentamos algumas possibilidades de análise dos cronotopos que o conto apresenta, por meio da narrativa do protagonista. O narrador-protagonista passa a recordar um momento de sua infância, quando tinha nove anos e saiu sozinho em direção à floresta, a brincar com besouros, rãs e lagartos. A relação com a floresta, com a natureza, em sua serenidade e vitalidade, destoa da baderna dos presos embriagados, dos xingamentos e de toda aquela bagunça humana, do meio em que a recordação ocorre. Segundo Bakhtin:

Os cronotopos do romance organizam diferentes modos de existir das narrativas. No conto *O Mujique Marei*, temos o cronotopo no primeiro momento, o interior da prisão onde o narrador-protagonista se encontra, no segundo momento o cronotopo aparece com as recordações do narrador-



protagonista quando retorna ao passado e tem lembranças de sua infância na casa de campo, e o terceiro e último momento do conto o narrador-protagonista volta ao presente, quando é preciso encarar novamente a realidade da prisão. (BAKHTIN, 1993, p. 212)

O conto inicia com o narrador-protagonista descrevendo como se apresentava o espaço na prisão, em comemoração devido à semana da Páscoa, nesta ocasião os presidiários ficavam mais "livres" para comemorar a data.

Os detentos "tinham repouso" por ocasião do segundo dia de festa; muitos estavam embriagados, a cada instante injúrias e golpes violentos eram trocados pelos cantos. Outros cantarolavam canções obscenas, jogavam cartas debaixo das baias; alguns detentos, meio brutalizados por seus companheiros, devido a excessiva turbulência, permaneciam no leito, cobertos com uma pele de carneiro muito fina, esperando que voltassem a eles; diversas vezes já as lâminas das facas tinham brilhado...tudo isso, durante esses dois dias de festa, me torturava a ponto de me deixar doente. (DOSTOIÉVSKI, 1993, p. 79, ênfase no original)

Seguindo a narrativa observamos que o narrador-protagonista apresenta uma terrível aversão, por fazer parte do mesmo espaço onde acontece toda aquela brutalidade e atitudes grotescas dos detentos, pois, conforme descreve a passagem, a festa era uma perturbação feita pelos detentos. Nessa ocasião, os sentinelas estavam de folga, como de costume, nas comemorações festivas da prisão.

Nunca, de resto, pude suportar, sem asco, o espetáculo dos excessos do povo, e neste lugar menos que em qualquer outro. Nestes dias faltavam sentinelas, abstinham-se de os revistar, para ver se descobriam aguardente, compreendendo que era bom dar folga, uma vez por ano, mesmo a esses réprobos, sem o que, teria sido pior, Por fim senti o ódio inflamar em meu coração. (DOSTOIÉVSKI, 1993, p. 80)



Na sequência da narrativa, a prisão ainda é apresentada como cronotopo. O narrador-protagonista encontra-se com um detento polonês, M-cki, que, lançando um olhar sombrio, com olhos faiscantes e lábios trêmulos, disse: "Odeio esses canalhas!" (DOSTOIÉVSKI, 1993, p. 81).

Então o narrador tem a seguinte ação: "Alcancei meu lugar e me deitei de costas, as mãos atrás da cabeça, fechando os olhos. Gostava de ficar assim estendido; não se incomoda os que dormem, assim se pode divagar e meditar a vontade" (DOSTOIÉVSKI, 1993, p. 81).

Em seguida, temos a fala do próprio Dostoiévski, tratado nesta análise como narrador-protagonista, pois ele se identifica como autor, dirigindo-se aos leitores desta forma:

De resto, para que descrever essas impressões? Ainda agora me acontece sonhar com elas de noite e não há, para mim pesadelo mais horroroso. Ter-se-á talvez observado que até este dia quase nunca falei da minha vida na prisão. Quanto às minhas *Recordações da Casa dos Mortos*, há quinze anos que as publiquei como sendo de um personagem imaginário, de um assassino que teria matado a mulher. Acrescento, a este propósito, a título de simples pormenor, que muita gente crê e sustenta, ainda hoje, que estive exilado na Sibéria por ter matado minha mulher! (DOSTOIÉVSKI, 1993, p.81)

No livro autobiográfico *Recordações da casa dos mortos*, Dostoiévski detalha muitos acontecimentos dos quatro anos passados na prisão siberiana. De alguns dos detentos que conseguiu se aproximar chegou a alfabetizar, usando um exemplar do Novo Testamento que recebera a caminho do presídio. Muitos das personagens de seus futuros romances, incluídos em sua vasta galeria de humilhados e ofendidos, foram gestados na prisão e tiveram naqueles rudes camponeses a sua grande inspiração.

Ainda na análise cronotópica da prisão, evidenciamos que aos poucos o narrador-protagonista cai numa espécie de torpor recordando-se do passado, quando se lembra de um fato que ocorrera quando tinha nove anos, estava na casa de campo e se encontrou que com um mujique chamado Marei, que trabalhava na propriedade de seu pai.

Dostoiévski ainda menino passeava numa tarde de verão, na propriedade do pai, avista de longe um mujique com seu cavalo lavrando a terra. O menino (narrador-protagonista) estava **dentro** da floresta, passando o tempo cutucando as rãs com as varas da avelaneira, e os besouros e escaravelhos chamavam sua atenção, pois ele gostava de colecioná-los.



Os diferentes cronotopos - prisão e fazenda - presente e passado apresentados no conto se contrastam, uma vez que no primeiro momento da narrativa temos uma prisão com atmosfera desoladora e brutal, enquanto no campo temos um lugar bucólico e tranqüilo, como podemos constatar na fala do narrador-protagonista: "Ainda hoje, escrevendo isto, aspiro todo o perfume da nossa floresta, lá longe, na aldeia; estas impressões durarão tanto quanto minha vida" (DOSTOIÉVSKI, 2006, p. 82).

Durante um pequeno silêncio, o menino ouve um apelo: "Ao lobo!" (DOSTOIÉVSKI, 2006, p. 83). Assustado, solta um grito de terror e corre para pedir ajuda em direção ao mujique, que estava próximo, trabalhando. Ao se aproximar do mujique o menino agarrou uma de suas mangas e gritou sem fôlego: "Um lobo!" (p. 83).

O mujique Marei, ao perceber que não havia nenhum lobo em torno, com muito carinho e ternura acalmou o menino:

- Vamos, vamos, não há lobo, tu sonhaste; que viria fazer um lobo por aqui? - murmurou ele para me sossegar. Mas, todo trêmulo, agarrei-me ainda com mais força à sua blusa, e minha palidez devia ser muito grande. Ele me olhou com um sorriso inquieto, tinha medo por mim e se alarmava visivelmente com o meu estado.

- Ah! como tiveste medo, ai, ai! - disse ele meneando a cabeça.
- Vamos, já acabou, pequeno. Vejam como ele é valente!

Estendeu a mão e subitamente me acariciou a face.

- Vamos, está acabado, vamos, Deus seja contigo: faze o sinal-da-cruz.

Mas eu não me persignei; meus lábios estavam crispados nas comissuras e creio que foi isto que o chocou mais. Aproximou seu dedo grosso de unha negra, sujo de terra, e com doçura aflorou meus lábios convulsos.

- Vejam isso, ai, ai! - disse-me ele com um largo sorriso, quase maternal. - Senhor, mas que é isto então? Tu bem vês que não há nada, ai, ai! (DOSTOIÉVSKI, 2006, p. 82)

Depois de sentir o toque quase maternal do mujique e ver que tudo não passava de uma alucinação, o menino decidiu retornar para sua casa, sendo seguido pelos olhos cuidadosos do mujique Marei, que o acompanhou com o olhar até que o menino desaparecesse no horizonte e encontrasse com seu cão



Lobinho, só neste momento se sentiu plenamente seguro e tranquilo. O menino, então, acenou, o mujique respondeu ao aceno e voltou ao trabalho.

Rapidamente o narrador-protagonista esquece o mujique Marei, quando o encontrou em outras ocasiões, não lhe dirigia a palavra, nem mesmo para falar do acontecido com o susto do suposto lobo. A narrativa volta à prisão da Sibéria e o narrador relembra o fato acontecido há vinte anos:

Era preciso, pois, que ele tivesse ficado gravado na minha alma, de maneira muito imperceptível, por si mesmo, e sem o concurso da minha vontade, para que a lembrança voltasse na hora em que dela necessitava. Revia o terno sorriso maternal do pobre camponês, nosso servo; recordava-me dos seus sinais-da-cruz, seus meneios de cabeça: "Como tu tens medo, pequeno!" E sobretudo aquele grande dedo, sujo de terra, com o qual, docemente e quase timidamente, ele tinha aflorado o canto da minha boca. Não importa que, certamente, falhasse ao tranquilizar uma criança; mas esse solitário encontro revestia-se para mim de um sentido particular; tivesse eu sido seu próprio filho e ele não teria me olhado com expressão de um amor mais puro. Quem entretanto, o obrigava a isso? Era nosso servo, e eu o filho dos seus amos; ninguém jamais saberia que me havia acariciado, ninguém o recompensaria por isso. Amava então a esse ponto as criancinhas? Alguns são assim. O encontro ocorreu em um lugar solitário, em pleno campo, e só Deus do alto do céu terá visto de que profundo e radioso sentimento humano, de que ternura quase feminina pode estar cheio o coração de um simples camponês russo, ignorante e selvagem, ainda preso à gleba e que nem mesmo entrevia a aurora da sua libertação. (DOSTOIÉVSKI, 2006, p. 83)

Podemos observar que nesse conto uma experiência marcante foi resgatada e conservada, permitindo que Dostoiévski pudesse sair um pouco de si e se colocar no lugar dos infelizes presos que o rodeavam na prisão. Ele passa a enxergar mais do que seus olhos viam, mas as almas daquelas pessoas que de alguma maneira poderiam ser a imagem do mujique Marei:

E subitamente, distanciando-me do meu catre e lançando um olhar em torno, senti que doravante eu poderia considerar a esses desgraçados, de maneira inteiramente diferente, e que



de repente, como que por encanto, todo o ódio e toda a cólera acabavam de desaparecer de meu coração. Eu ia perscrutando os olhares, dos meus companheiros. Esse mujique de cabeça raspada, aviltado, com o rosto marcado de estigmas, que na sua bebedeira urrava uma canção obscena, talvez não fosse outro senão o camponês Marei: como posso eu, com efeito, saber o que se passa na sua alma? Uma vez ainda, nessa tarde, reencontrei M-cki. O desgraçado! Não tinha ele a lembrança de um camponês Marei, e tudo que podia dizer dessa gente era: "Odeio esses velhacos!" Sim, os poloneses deviam sofrer muito mais que nós! (DOSTOIÉVSKI, 2006, p. 84)

Dostoiévski, como narrador-protagonista, apresenta-nos no conto *O mujique Marei*, uma experiência bem significativa, em meio ao caos e opressão dos momentos que passou na prisão. Tal experiência trouxe a Dostoiévski reflexos de luz, que possibilitou acalmar e trazer paz para sua alma, afastando-o da amargura e brutalidade que a prisão oferecia aos detentos. Podemos entender que no conto *O mujique Marei*, apresentado de maneira virtuosa, representa um facho de luz no interior do narrador, ajudando-o a enfrentar seus medos, angústias e obstáculos.

CONCLUSÃO

Na análise do conto *O mujique Marei* podemos observar que o tempo e o espaço são inseparáveis. Também fica evidente durante a narrativa que Dostoiévski teve falta de afeto e carinho na infância, devido à doença de sua mãe e severidade de seu pai, por isso era solitário e indefeso. Mata comenta sobre essa questão:

(...) a infância de Dostoiévski é tempo de formação em que a criança nobre, já munida de alguns preconceitos de classe, mas desprovida de tantos outros, vai estabelecer de modo mais intenso e humano um contato com o outro, um camponês russo, num encontro ficará marcado na sua alma, talvez não na superfície das preocupações cotidianas, mas no desenho do seu caráter. (MATA, 2010, p. 17)



O encontro com o mujique, aparentemente, na infância, foi sem importância, mas na prisão as lembranças fizeram o narrador perceber que o mujique, apesar de ser um servo, o tratou como se o menino fosse seu filho, e isso teve grande importância, tanto que esse fato foi lembrado anos mais tarde por Dostoiévski, no conto *O mujique Marei*.

Segundo Bakhtin, o cronotopo é o campo das transformações e dos acontecimentos. O tempo e espaço são evidentemente vistos na narrativa como elementos que contribuem para a transformação do presente, recordando do passado.

Conforme estudo e análise do conto, constatamos que o cronotopo tem um significado fundamental para as narrativas. Podemos inclusive dizer que "as variedades de gênero são determinadas pelo cronotopo, sendo que em literatura o princípio condutor do cronotopo é o tempo" (BAKHTIN, 2002, p. 212).

O conto *O mujique Marei* nos leva a fazer várias reflexões, porém a última frase do narrador nos faz refletir sobre o sofrimento do outro: "Sim, os poloneses deviam sofrer muito mais que nós!" (DOSTOIÉVSKI, 2006, p. 84).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética*. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2010.

DOSTOIÉVSKI, F. M. *Diário de um escritor*. Tradução de E. Jacy Monteiro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.

GANCHO, C. V. *Como analisar narrativas*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006.

MATA, A. L. N. da. *O silêncio das crianças: Representações da infância na narrativa brasileira contemporânea*. Londrina: Eduel, 2010.

